

TÂNIA DE GOES VIEIRA CARVALHO

**A ARTE E SEUS CAMINHOS: UM PANORAMA DOS PROBLEMAS
RELACIONADOS AO MEIO AMBIENTE NAS ARTES VISUAIS**

ITAPETININGA/SP

2011

TÂNIA DE GOES VIEIRA CARVALHO

**A ARTE E SEUS CAMINHOS: UM PANORAMA DOS PROBLEMAS
RELACIONADOS AO MEIO AMBIENTE NAS ARTES VISUAIS**

Trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura em Artes Visuais, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profª Ms. Cecília Mori Cruz

Tutor: Profº Ms. André de Carvalho Barreto

Tutor presencial: Profº Werner José Lisboa
Krapf

ITAPETININGA/SP

2011

Aos amantes da arte e da natureza.

Agradeço,

A minha família;

Ao professor Werner José Lisboa Krapf pelos anos de tutoria;

Ao professor Andre de Carvalho Barreto pela atenção e orientação;

A professora Cecília Mori Cruz pela coerência e dedicação;

Aos colegas do curso e hoje meus grandes amigos.

SUMÁRIO**Página**

1.	Lista de imagens.....	6
2.	Apresentação.....	7
2.1.	Objetivos	10
3.	A arte contemporânea: O inter-relacionamento das obras de Frans Krajcberg e o documentário Lixo Extraordinário de Vik Muniz.	11
3.1.	Visão mais íntima com a arte Contemporânea: Visita à 29º Bienal de São Paulo	11
3.2.	Uma visão analítica sobre a Arte Contemporânea	19
3.3.	O inter-relacionamento das obras de Frans Krajcberg e o documentário Lixo Extraordinário de Vik Muniz	21
3.4.	Vivenciando a Arte Contemporânea: um relato de experiência.....	30
4.	Sustentabilidade na contemporaneidade	32
5.	Considerações finais	34
6.	Referências	35

1. LISTA DE IMAGENS

1.	Imagem: Instalação - Longe daqui, aqui mesmo	12
2.	Imagem: Instalação - Ninhos	13
3.	Imagem: Instalação – Arroz com Feijão	13
4.	Imagem: Vídeo da performance – Divisor	14
5.	Imagem: Instalação - A origem do Terceiro Mundo	15
6.	Imagem: Obra – Inimigos	16
7.	Imagem: Instalação - Bandeira Branca	17
8.	Imagem: Instalação - Lembrança e Esquecimento	17
9.	Imagem: Instalação - Dengo	18
10.	Imagem: tela - A morte de Marat	23
11.	Imagem: foto Tião posa como Marat	23
12.	Imagem: Imagens de lixo - Marat/Sebastião	24
13.	Imagem: obra de Frans Krajcberg	27
14.	Imagem: obra - Flor do Mangue	28
15.	Imagem: Intervenção Urbana Pescador Urbano	30
16.	Imagem: Instalação - Eternidade	31
17.	Imagem: Instalação - Mãos que criam	31

2. APRESENTAÇÃO

Este trabalho faz parte da conclusão de um período de estudo, dedicado a aprender sobre arte. Nasci e cresci em Pilar do Sul, cidade pequena do interior de São Paulo, em um ambiente cercado por artesanato e familiares com apreço em trabalhos manuais. Quanto tinha quatorze anos já produzia panos de pratos pintados, minha mãe fazia o crochê e vendia-os. Na escola adorava as aulas de educação artística, principalmente as aulas práticas.

Quando estava no colegial prestes a me formar no ensino médio, procurei saber sobre o curso de Educação Artística, era meados de 1991. Mas não tinha em Sorocaba e Itapetininga, cidades no qual a prefeitura municipal, mantinha ônibus gratuito para estudantes, nessa época já trabalhava e dependia de meus esforços para estudar.

Na falta de opção estudei apenas um ano o Magistério, passei a estudar curso técnico de Processamentos de Dados. Logo após me formar, me inscrevi para a graduação em Publicidade e Propaganda – Universidade de Sorocaba, me formando em 1999.

Estava tranqüila quando em julho de 2007, tive a oportunidade de me inscrever para este curso de Licenciatura em Artes Visuais. Neste curso, muitos foram os caminhos percorridos, quatro anos pesquisando, estudando, vivendo, sofrendo e amando.

No decorrer deste curso tive a oportunidade de abordar o tema meio ambiente, mais especificamente na disciplina Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem 1, com produção de um projeto teórico e na disciplina de Atelier de Produção Interdisciplinar a junção da teoria e realização do projeto prático que envolveu a produção de uma instalação artística.

Durante o curso foi possível observar a facilidade que a arte tem em dialogar com o meio ambiente, uso de materiais como folhas, sementes, cipós, bambus, flores, troncos de árvores e até mesmo a arte que se faz no ambiente natural. A temática meio ambiente é de interesse geral e existe muito material para pesquisa.

Apesar de morar em uma cidade pequena, sem poluição aparente e sem grandes problemas sociais, tive a oportunidade de acompanhar e pesquisar o tema. Senti a necessidade de focar meu trabalho nesse sentido. Acredito que agindo assim, colocarei meus estudos e o conhecimento adquirido ao longo dos anos no

intuito de valorizar os artistas que pela arte mostraram coragem e determinação para amenizar a constante destruição que o homem vem causando ao meio ambiente. Já é um caminho, meu primeiro degrau.

O tema escolhido: “Arte e seus caminhos: um panorama dos problemas relacionados ao meio ambiente nas artes visuais”, busca pesquisar a relação de como trabalhar as artes visuais com temas voltados a discussão da preservação do meio ambiente.

A Arte, enquanto linguagem que atinge todas as camadas sociais e culturais tem sido utilizada por muitos artistas do passado e do contemporâneo para chamar nossa atenção pelas suas criações artísticas para esse desequilíbrio ambiental, causado pelo ser humano.

Como o universo sobre os artistas que trabalham a problemática do meio ambiente é muito ampla, foi delimitado neste estudo o foco na Arte contemporânea e inserido nela, para o trabalho dos artistas plásticos Frans Krajcberg - que dedica sua vida a produzir arte com o intuito de denunciar a devastação da Floresta Amazônica, e Vik Muniz, que participou de um documentário nomeado de “Lixo extraordinário”, no qual mostra o lixo e catadores de materiais recicláveis do aterro sanitário de Duque de Caxias, município do estado do Rio de Janeiro - Brasil.

Meu envolvimento com os materiais artísticos produzidos por Frans Krajcberg e Vik Muniz remeteu-me aos anos que estudei publicidade e propaganda, no qual o objeto de estudo dessa área, que percebia, era o poder de persuasão das campanhas publicitárias sobre o público. Procuro estudar e observar como as artes visuais podem criar oportunidades de discutir junto aos alunos e a comunidade os problemas ambientais e sociais que estão ocorrendo em nossa volta.

Assim, minha pergunta de partida para este trabalho foi: como podemos relacionar a arte com temáticas atuais sobre preservação do meio ambiente? Este trabalho não visa projetar ou mesmo criar um objeto artístico, mas pela reflexão teórica, mostrar uma visão crítica do poder da arte, visto com um olhar contemporâneo.

De acordo como o educador Paulo Freire, em seu livro **Conscientização**, sobre Alfabetização e Conscientização, conscientizar não é apenas tomar conhecimento do problema, mas tomar conhecimento e dessa informação gerar uma ação e assumir compromisso perante a sociedade. A reflexão é uma constante para

esse educador, não devemos apenas tomar conhecimento, mas agir. (FREIRE, 1979)

Tomando com base essa reflexão segue meu trabalho de pesquisa no qual busco, pela arte, uma maneira de me posicionar contra a degradação do meio ambiente e ainda produzir conhecimento que sirva de base para outras investigações e intervenções, levando para sala de aula e a comunidade a oportunidade para se expressarem e discutirem este assunto.

Paulo Freire sintetiza esta análise em seu livro **Conscientização**, ao afirmar:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la. (FREIRE, 1979, p.15)

Acredito que este curso de licenciatura em Artes Visuais seja um caminho para transformação. Deixarmos de ser uma massa silenciosa e passar a discutir e refletir, contribuindo para a formação de uma consciência crítica.

2.1. OBJETIVOS

O objetivo geral desse trabalho é analisar as possíveis articulações entre artes visuais e preservação do meio ambiente.

Os objetivos específicos que busco delimitar neste trabalho é destacar o trabalho dos artistas plásticos contemporâneos Frans Krajcberg e o documentário “**Lixo Extraordinário**” de Vik Muniz. Uma análise da obra de vários artistas contemporâneos, que participaram da 29º Bienal de Arte em São Paulo, buscando referencias para aplicação e associação em futuros projetos, junto aos alunos nas aulas de artes visuais, que possam abordar o tema meio ambiente.

3. A ARTE CONTEMPORÂNEA: O INTER-RELACIONAMENTO DAS OBRAS DE FRANS KRAJCBERG E O DOCUMENTÁRIO LIXO EXTRAORDINÁRIO DE VIK MUNIZ

3.1. VISÃO MAIS ÍNTIMA COM A ARTE CONTEMPORÂNEA: VISITA À 29ª BIENAL DE SÃO PAULO

Buscando caminhos que possam relacionar a arte e possíveis temáticas para serem trabalhadas em projetos junto aos alunos e a comunidade, sobre a preservação do meio ambiente, a arte contemporânea foi um caminho a ser percorrido e trabalhado neste trabalho.

Meu contato com arte contemporânea sempre havia sido teórico. Mas, foi no ano de 2010, no sexto semestre do curso de Artes Visuais, que tive o prazer de vivenciar uma exposição de arte contemporânea de perto. Isto ocorreu na 29ª Bienal de Arte Contemporânea em São Paulo, no Parque do Ibirapuera, Pavilhão Ciccillo Matarazzo. A exposição contou com cerca de 160 artistas de diversas partes do mundo, entre artistas brasileiros e estrangeiros.

A experiência foi para mim um grande acontecimento. Percorri o espaço da mostra por dois dias, o primeiro acompanhando um grupo de alunos da escola estadual e o segundo dia um grupo de colegas do curso de fotografia amador que eu estava fazendo. Muitas obras de artista que só tinha tido contato em livros e pela *internet*, estavam espalhados em um grande espaço, apenas esperando meu deleite.

Chegando ao espaço da Bienal, observei o tema da exposição: arte e política. O título: "Há sempre um copo de mar para um homem navegar" – verso do poeta Jorge de Lima, retirado de sua obra: *Invenção de Orfeu* (1952).

A mostra era um imenso espaço de ideias, no qual a arte e as pessoas se completavam, eu me sentia um pequeno grão de areia, naquele imenso mar de arte e reflexão sobre política e arte. Foi uma verdadeira celebração do fazer artístico e uma afirmação de sua responsabilidade perante a vida; um momento de desconcerto dos sentidos e, ao mesmo tempo, um belo momento de geração de conhecimento que dificilmente encontraremos em outro lugar.

O intuito dos curadores era envolver o público nas experiências, nas tramas das obras expostas e também na capacidade destas de promover reflexões críticas

sobre o mundo em que estão inseridas, criando diálogos em torno da relação entre arte e política. Acredito que foi alcançado, tudo era maravilhoso e ao mesmo tempo causador de estranheza.

A primeira obra que contemplei foi “**Longe Daqui, Aqui Mesmo**”, conforme imagem 01, dos artistas Marilá Dardot e Fábio Morais. Neste local, foi construído uma casa com blocos e grandes portas, dando acesso a diversos livros como do poeta Augusto de Campos e o tão conhecido “**O Pequeno Príncipe**”, que foi reproduzido em grande escala. O referencial destes artista são o uso de livros em suas obras.



1. Foto: **Longe daqui, aqui mesmo** - Marilá Dardot e Fábio Morais. Tânia Vieira, 2010

Como não podia faltar, a obra de Hélio Oiticica estava convidativa. Era um grande espaço para descanso e reflexão, uma de suas obras “**Ninhos**” foi reconstruída para a mostra, conforme imagem 02. O artista, que faleceu em 1980, foi um referencial para a arte experimental, com a quebra de hierarquia entre o fazer artístico e a vida cotidiana, como mostra em uma de suas mais famosas obras “**Penetráveis**”.

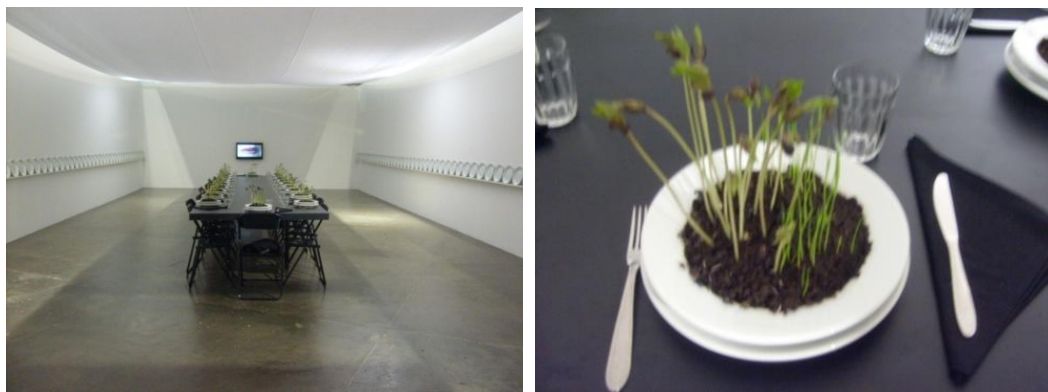
Na obra “**Ninhos**”, que era uma estrutura de madeira com vários espaços para repousar, o público era convidado a conviver de forma harmônica e simples. E foi o que fiz, acredito que por uns 20 minutos descansei neste espaço, compartilhando com diversos desconhecidos um espaço em comum.



2. Foto: Obra **Ninhos** – Hélio Oiticica – reconstruída. Tânia Vieira, 2010

A artista Anna Maria Maiolino, uma imigrante da Itália vindo do pós-guerra, fixando-se no Brasil em 1960. Com seus experimentos e a experiência do espectador, suas obras são sempre complexas.

Sua instalação “**Arroz com feijão**” me levou a uma grande reflexão partindo da precisão milimétrica com que ela construiu uma grande sala de jantar, com espaço para cerca de 20 pessoas, conforme imagem 03. Nessa simulação de jantar, o cardápio era composto de feijão e arroz plantados nos pratos em cima da mesa longa e negra. Conforme os dias da mostra foram correndo, os grãos germinaram e cresceram como mostra a imagem abaixo.



3. Foto: Instalação **Arroz com feijão** - Anna Maria Maiolino. Tânia Vieira, 2010

Em complemento ao jantar, a artista fixou na parede, atrás das cadeiras, pratos vazios em maior quantidade alinhados, o que pode ser interpretado como a quantidade de pessoas que passam fome. Havia, também, ao fundo da sala um aparelho de tevê de tipo LCD como parte da instalação, que reproduzia um vídeo, ininterrupto, de uma bela boca mastigando algo, se alimentando.

Vendo as sementes germinando, podemos levar o tema para a produção de alimentos transgênicos, a falta de políticas pública voltada para produção agrícola e a escassez de alimentos, enfim uma obra que trouxe muita informação.

O vídeo da performance “**Divisor**” de Lygia Pape, conforme imagem 04, que nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, foi encenada na abertura da 29º Bienal de São Paulo, que contou com a participação cerca de 200 pessoas. No dia em que fui, assisti ao vídeo, que mostrava o emaranhado de pessoas unidas por um pedaço de tecido branco. O sincronismo das pessoas envolvidas, participando da obra colocando suas cabeças nas fendas e caminhando conjuntamente, muito nos faz pensar sobre isso. Uma das questões propostas, a meu ver, pode ser a união, a segurança, o equilíbrio ou mesmo falta de opção e de espaço, pois muitas vezes queremos caminhar para outros mundos, mas estamos dependentes de um grupo ou de nós mesmos.



4. Foto: Vídeo da Performance **Divisor** – Lygia Pape. Tânia Vieira, 2010

A ousadia de Henrique Oliveira, artista de Ourinhos, São Paulo, foi muito interessante. E ao construir uma das instalações que chamou grande atenção na Bienal. Sua obra, intitulada **A Origem do Terceiro Mundo**, fez uma referencia à **Origem do Mundo** de Courbet, conforme imagem 05. Ao construir um túnel entre duas salas da Bienal, forrado de retalhos de tapumes e de madeira (sobras e descartes de canteiros de obras) construindo uma superfície rugosa.

Os monitores comentaram que ele permaneceu no prédio por três meses preparando o material para exposição, grampeando e unindo o material para dar sustentação ao túnel interno que sugestionava os órgãos internos da mulher.

A entrada do labirinto maior e imponente proporcionou uma expectativa e curiosidade, que sugere reflexões interessantes quando a penetramos, pois percorrendo acabamos por descobrir a nós mesmos na saída em formato sugestivo de uma vagina, um novo parto, nascimento para um novo mundo, um novo recomeço.



5. Foto: Instalação **A origem do Terceiro Mundo** – Henrique Oliveira. Tânia Vieira, 2010

Mas o ponto alto da exposição foi a obra do artista Gil Vicente **“Inimigos”**, conforme imagem 06, uma tradução dos incômodos perante os modos de representação política vigentes. Em seu trabalho, Gil Vicente buscou chamar atenção ao mostrar a maneira com que mataria os principais governantes e autoridades mundiais, usando para isso desenhos feitos com carvão em escala natural.

Nesse trabalho, Gil se tornou o assassino dos ex-presidentes Lula e Fernando Henrique Cardoso, do Papa Bento XVI e até da Rainha Elizabeth. Enfim ele retratou, em meu ver, o poder em sua mais alta significação. Lembro que na época da abertura da exposição da Bienal houve muitas manifestações de protesto contra esta obra. Inclusive a OAB – Ordem dos Advogados do Brasil chegou a entrar com

uma liminar para retirada do material da 29ª Bienal, sob a alegação de apologia ao crime.



6. Foto: Obra **Inimigos** – Gil Vicente. Tânia Vieira, 2010

A instalação “**Bandeira Branca**”, conforme imagem 07, do artista Nuno Ramos, eram formada por 03 esculturas feitas com blocos de areia queimada e compactada, sobre as quais repousavam placas de granito, formas cilíndricas e três caixas de som, que de tempos em tempos, eram reproduzidas as músicas Bandeira Branca, Carcará e Boi da Cara Preta.

Nesse espaço ficavam três urubus vivos, cercados por uma rede de *nylon*, antes mesmo da abertura da 29ª Bienal, o assunto já tinha virado polêmica e não estava agradando os ativistas ambientais, que alegaram possíveis maus tratos contra as aves, no primeiro dia foi alvo de pichação e dias depois foram retiradas da instalação.

Nos dias que visitei a exposição eles já não estavam lá. Mesmo assim, por causa da polêmica gerada, foi uma obra muito visitada.



7. Foto: Instalação **Bandeira Branca** – Nuno Ramos. Tânia Vieira, 2010

Outra maravilha que pude registrar foi o trabalho do artista Ernesto Neto, sua participação na Bienal foi muito prazerosa, instalação “**Lembrança e esquecimento**” um grande espaço de convivência, conforme imagem 08, relaxamento e descanso, com travesseiros aromáticos. O local estava muito aconchegante, muitas pessoas deitadas, dormindo, conversando e relaxando.



8. Foto: Instalação **Lembrança e Esquecimento** - Ernesto Neto. Tânia Vieira, 2010

Com relação ao artista, Ernesto Neto, visitei sua exposição no MAM – Museu de Arte Moderna que fica ao lado do prédio da Bienal, o artista montou uma grande instalação denominada “**Dengo**”, conforme imagem 09. Dando continuidade às esculturas de crochê já realizadas pelo artista em outras obras, que remetem as

estalactites ou gotas gigantes, penduradas no teto, essas gotas se estendiam por toda a obra. Muito colorida e curiosa.

Para tornar esse espaço em um ambiente lúdico e convidativo, as estruturas de crochê foram preenchidas com diversos elementos como bolinhas de plástico coloridas e pencas de saquinhos recheados de balas comestíveis.

Nove tambores e um piano de meia cauda, foram integrados ao crochê, como mostra a imagem abaixo. Ou devo dizer que a instalação possibilitava a interação do público ao permitir que estes tocassem os instrumentos. Eu pela primeira vez toquei as teclas de um piano e devo dizer que adorei a sensação de produzir som tão agradável.



9. Foto: Instalação **Dengo** – Ernesto Neto. Tânia Vieira, 2010

Fiquei decepcionada por não ter apreciado com detalhe o trabalho de Cildo Meireles, por ser uma referência e reconhecido como um dos mais importantes artistas brasileiros contemporâneos. Assim ocorreu com muitos outros artistas, a mostra foi imensa e continha muita informação, o tempo é um grande inimigo nesses locais.

Enfim foi um grande aprendizado. A exposição me trouxe uma visão do que vem a ser instalação, performance, contato com materiais inusitados e a leveza com que os artista brincam com as imagens, foi muito interessante.

Acredito que será muito útil para futuros trabalhos educacionais, usar a Arte pensando em aplicar todo o conhecimento adquirido e relacionar os exemplos em busca de temas para discutir sobre a preservação do meio ambiente.

3.2. UMA VISÃO ANALÍTICA SOBRE A ARTE CONTEMPORÂNEA

A Arte contemporânea surgiu na segunda metade do século XX: “Depois da década de 50, a arte brasileira evoluiu em novas e diversas direções” (PROENÇA, 1990, p.250) e nos absorve até o momento, sem data aparente para findar. Com a mudança global que se delineia a partir dos anos 60, torna-se mais gritante a necessidade de uma modificação no conceito de arte, sendo necessário que a arte se modifique para sobreviver, tem aí a arte contemporânea. “Em 1961, no início de uma década em que todas as ideias anteriores sobre arte seriam postas à prova [...]”. (ARCHER, 2001, p.01)

Conforme coloca Rodolfo Konder:

A partir dos anos 60, diversos artistas rompem com os suportes tradicionais, como a tela. Essa ruptura separa a arte contemporânea da arte moderna. Nasce as instalações, a arte ambiental onde todos os sentidos são solicitados. (KONDER, 2000, p. 150)

E como compreender o que vem a ser? Defini-la seria mais difícil ainda. A maioria das pessoas de imediato já classifica como estranhas e sem valor, sem ao menos tentar entendê-las. Assevero isso também me referindo aos professores de arte e até mesmo os próprios artistas que, algumas vezes, subestimam e a depreciam.

Segundo Michael Archer, em seu livro **Arte Contemporânea. Uma história concisa**, coloca:

De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte” [...] (ARCHER, 2001, p.01)

No decorrer do curso de Artes Visuais, foi realizada uma atividade de instalação. Uma instalação é uma das várias formas de linguagem artística trazidas pela arte contemporânea e eu fiquei maravilhada com a construção de uma em parceria com uma colega de curso. Na atividade em questão, fiz uma instalação usando como materiais galhos e folhas secas, cipós e tecido para finalizar a obra.

A reação do público foi grande. Eles olhavam intrigados. A grande bola de cipó pendurada no teto. Acredito que pensavam “o que será que ela está pensando?” ou coisa parecida.

Nos dias de hoje nos quais tudo ocorre muito rápido, a efemeridade das obras de arte é, por vezes, muito comum. Os acontecimentos passam como bolas de fogo

que se apagam tão rápido quanto acontecem, sem que sequer tenhamos tempo para percebê-los ou ainda compreendê-los.

Muitas vezes o artista buscou chocar, escandalizar, usando para isso imagens e formas. Hoje a forma de fazer arte é tão vasta, que às vezes se pensa que “não há mais nada a fazer”, ou que qualquer coisa pode ser considerada arte. Tudo é muito imediato, as pessoas buscam respostas rápidas aos seus prazeres, querem que tudo seja realizado para ontem, rápido como o sinal da tevê e da *internet*.

Assim, como então explicar que galhos retorcidos removidos de áreas devastadas pelo fogo e lixo retirado de um aterro sanitário podem ser usados como pano de fundo para a construção de um objeto da arte contemporânea?

Mas Frans Krajcberg e Vik Muniz, dois notórios artistas da contemporaneidade, são exemplos de artistas que não medem esforços para provar que tudo pode ser usado para produzir arte e até mesmo pela arte produzir reflexão. De acordo com Graça Proença: “Para esse artista (Frans) tão ligado à natureza brasileira, seu trabalho consiste em usar o objeto natural morto e dar-lhe vida outra vez.” (1990, p.261).

Acredito que ambos não quiseram produzir tão somente arte, mas produzir arte que tivesse a capacidade de discutir e relatar seus protestos contra a degradação do meio ambiente e das comunidades oprimidas pela sociedade consumista e imediatista.

Os trabalhos de Frans Krajcberg e Vik Muniz trazem temáticas atuais e recorrentes, como as queimadas na Amazônia e a produção e descarte do lixo. Questões que necessitam de debates, focando na preservação do meio ambiente.

3.3. O INTER-RELACIONAMENTO DAS OBRAS DE FRANS KRAJCBERG E O DOCUMENTÁRIO LIXO EXTRAORDINÁRIO DE VIK MUNIZ

O tema meio ambiente e sustentabilidade constituem em um dos grandes questionamentos recorrentes da contemporaneidade. E como não interligar esses temas com as Artes Visuais.

Vários artistas traduzem suas indignações por meio de trabalhos que são quase manifestos. Eu vejo isso nos trabalhos do artista Frans Krajcberg e nas obras produzidas por Vik Muniz, para o documentário **Lixo Extraordinário**.

Conforme coloca Ana Mae Barbosa:

O artista incorpora a si próprio a atitude daquilo que percebe enquanto trabalha. O fazer artístico quando resultado percebido é de tal natureza que suas qualidades, enquanto percebidas, controlam a produção. O processo de arte na produção está organicamente ligado com a estética da apreciação. (BARBOSA, 2007, p.24)

Quando estava pesquisando sobre o tema e a abrangência de meu TCC – a questão ambiental sempre era um tema recorrente e para definir um perfil de trabalho. No entanto, necessitava escolher, entre tantos artistas, uma linha de trabalho. Foi nesse momento que defini que não poderia deixar de trabalhar com o documentário “**Lixo Extraordinário**”, que tem como fundo o trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz.

Seu trabalho começou a despertar interesse, quando uma de suas obras fez parte da abertura de uma das novelas da Rede Globo em 2010, “Passione”. A obra em questão faz parte do projeto “Imagens de sucata” produzida em 2006.

Nesse projeto, Vik Muniz retornou ao Rio de Janeiro, onde após pesquisa definiu como material, a sucata. Com este material passou a trabalhar em grande escala. As obras se formavam com a união de pneus, placas, metais, CPU entre outras coisas, depois era fotografadas e divulgadas em catálogos e exposições em museus no Brasil e no exterior.

O artista Vik Muniz em meio ao planejamento de seu próximo projeto foi convidado a produzir um documentário sobre sua vida. Como já tinha feito uma pesquisa sobre o lixo e seu descarte no Rio de Janeiro, resolveu, com sua equipe, unir os dois projetos e partiram dos EUA para o Jardim Gramacho, aterro sanitário

da cidade de Duque de Caxias, o maior da América Latina em funcionamento até aquele momento, do município do estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Chegando ao aterro, o artista se deparou com cerca de cinco mil pessoas, revirando o lixo a procura de resíduos recicláveis, material que vendido garantia o sustento da família, a única renda da maioria dos casos. Nesse momento, o foco do documentário se tornou os catadores de reciclagem e não apenas o artista em mais um projeto. Toda a equipe passou a experimentar o que as pessoas, que ali trabalhavam por horas revirando o lixo, pensavam, sonhavam e quais eram seus problemas e alegrias.

Foram produzidas sete obras, mais de dois meses retratando o aterro sanitário. As imagens produzidas tinham a proporção de uma quadra de futsal.

O presidente da Associação dos Catadores do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, Sebastião Carlos dos Santos, que atendia pelo nome de Tião, quando conheceu o artista plástico Vik Muniz, a primeira impressão não foi das melhores, o simples e encantador catador de reciclagem a princípio não entendia o que o artista queria fazer, tudo era muito complicado, mas deu um voto de confiança. (KAZ, 2011)

A foto escolhida para a capa do documentário foi a de Marat (Sebastião), este que a princípio, não seria fotografado. Seu trabalho era acompanhar o Vik no aterro, para apresentá-lo aos catadores. Mas isto até o dia em que Zumbi, surgiu do lixo, carregando uma banheira. O artista teve um estalo e conforme ele fala no filme: “Vamos fazer o Tião de Marat? Ele morreu no banho.” Após ouvir que Jean-Paul Marat (1743-1793) havia sido um dos líderes da Revolução Francesa, conforme imagem 10 e 11.

O livro **Didática do Ensino de Arte** comenta sobre a morte de Marat em Paris em 1793:

[...] Charlotte Corday, julgada por esfaquear Marat até a morte [...] o revolucionário Marat preparou uma lista de 300 mil homens, mulheres e crianças ditas inimigas da França, e com Charlotte, também uma antiga revolucionária, decidiu evitar a morte daquelas pessoas libertando seu país de Marat. [...] adquiriu uma doença de pele quando se escondia nos esgotos de Paris. A irritação de tal doença foi tão grave que ele foi obrigado a passar todo o resto da vida imerso numa banheira com água. (MARTINS, 1998, p. 84)



10. Foto: tela “**A morte de Marat**” Jacques-Louis David, 1793
óleo sobre tela 165 x 128 cm - Museu Real de Belas Artes, Bruxelas
<http://peregrinacultural.wordpress.com/2011/01/27/jacques-louis-david-e-vik-muniz-unidos-pelo-lixo/>



11. Foto: Tião posa como Marat para o artista plástico Vik Muniz
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/860921-catador-alcanca-fama-apos-conhecer-vik-muniz-em-trabalho-que-virou-filme.shtml>



12. Foto: **Imagens de lixo: Marat (Sebastião)**, Vik Muniz – 2008
<http://peregrinacultural.wordpress.com/2011/01/27/jacques-louis-david-e-vik-muniz-unidos-pelo-lixo/>

O quadro foi vendido em 2009, num leilão em Londres, por 28 mil libras (R\$ 74 mil reais). O dinheiro foi revertido para a Associação dos Catadores, para compra de equipamentos e estrutura. (LIXO Extraordinário, 2010)

Mas o mais impressionante é que esse trabalho teve repercussão positiva no que diz respeito à volta do debate sobre o lixo, os resíduos que produzimos sem pensar nas suas conseqüências e descartamos de forma banal e irresponsável. No documentário uns dos catadores mais antigos, Sr. Valter dos Santos, vice-presidente da ACAMJG, comenta que o descaso da sociedade quando ao desrespeito ao meio ambiente e descaso com nosso lixo:

Eu tento convencer as pessoas do que é um material reciclado e qual é um material orgânico e o que ele deve fazer. Às vezes ele diz assim: “só uma latinha”. Uma latinha tem grande importância, porque 99 não é 100 e essa uma vai completar. (LIXO Extraordinário, 2010)

O documentário já rendeu mais de duzentos e cinquenta mil dólares, revertido para a ACAMJG, que está promovendo ações sociais dentro da comunidade, propiciando espaço para discussão de políticas públicas, para a inclusão social dos catadores de reciclagem dos lixões. (Lixo Extraordinário, 2009)

Em 2009, as obras “Imagens de Lixo”, foram expostas no MAM – Museu de Arte Moderna, a exposição quebrou recordes de visitantes, mais de 1 milhão de pessoas a viram. As obras “Imagens de Lixo” são compostas por: Marat (Sebastião),

A carregadora (Irmã), A cigana (Magna), Mãe e filhos (Suellen), Mulher passando roupa (Isis) e Atlas (Carlão).

O documentário **Lixo Extraordinário** tem muito a contribuir como uma grande ferramenta para futuros trabalhos dentro da licenciatura em artes. É uma obra que retrata além dos inúmeros problemas dos catadores de produtos reciclados, todo o descarte de lixo dentro de um contexto artístico usando a linguagem do cinema e da fotografia.

O trabalho de Vik Muniz foi permitir que o público olhasse não apenas obras prontas, mas sim a construção de uma obra de arte, foi moldando as pessoas, tirando do lixo o material necessário para seu trabalho e com isso possibilitando a transformação dos catadores envolvidos em personagens, convidados a olhar para o futuro com mais esperança.

O filme fecha um ciclo, ao mostrar no começo, o artista Vik Muniz reconhecido no mundo como grande artista e, no fim, sete obras de arte, que ganharam vida ao serem reflexo de um problema social e ambiental. O que fez com que o público olhe para a arte contemporânea, como um caminho para discutir seus problemas.

Meu contato mais profundo com as obras de Frans Krajcberg ocorreu na disciplina de Atelier de Produção Interdisciplinar, por indicação da professora tutora. Já conhecia seu trabalho, mas não tão profundamente a ponto de perceber hoje seu foco com relação à natureza e preservação ambiental.

As obras de Frans Krajcberg são muito fortes, seja pela temática ou pelo uso de objetos da natureza como matéria-prima. A maneira como ele trabalha os troncos calcinados, os transformando em objetos de arte é muito interessante. A predominância da cor vermelha em muitas de sua obra faz referencia a dor e sofrimento. Todo material tem origem e característica marcante, voltados para serem objetos de contestação e discussão.

Desde 1972, ele vive no sul da Bahia e sua obra reflete a paisagem brasileira, em especial a floresta amazônica, e sua constante preocupação com a defesa do meio ambiente e dos povos indígenas, que vivem naquela região.

Pintor, escultor e fotógrafo, Frans Krajcberg é um artista contemporâneo que encontrou na natureza seu porto seguro, divide seu tempo entre o Brasil e a França. Sua origem é polonesa, mas é naturalizado brasileiro. Sua obra tem forte apelo com as questões ambientais, essa força o faz um grande ativista. Em entrevista ao Planeta Sustentável ele comenta:

Meu desejo, porém, sempre foi fugir do homem. Eu não suportava mais viver depois da guerra. Foi muito brutal para mim. Fiquei sozinho no mundo. Toda a minha família foi morta. [...] Quando cheguei à Polônia com o Exército russo, libertei um campo de concentração cheio de húngaros. Entrando no campo, vi três montanhas de lixo: eram homens empilhados para serem queimados no crematório. Depois, viajando pela Amazônia no alto rio Juruena, no Mato Grosso, observei nuvens de urubus. Aproximei-me com o barco, entrei na floresta, fechei os olhos e fiz uma foto. Eu jamais havia visto cena tão bárbara: seis índios pendurados numa árvore, com centenas de urubus ao redor. **Então, com tudo isso que aconteceu diante de mim, que tipo de arte me resta fazer? Pintar flores para senhoras? Ou mostrar essa barbaridade, essa destruição [...]** (MILANEZ, 2009, p.01)

Mas Frans não é apenas um artista, em resumo aos seus depoimentos e entrevista busca despertar nas pessoas a consciência de que a exploração descontrolada leva à destruição social, política e não apenas da natureza.

Dando sequência a entrevista ao Planeta Sustentável, Frans coloca:

A arte não precisa chocar, e sim acompanhar a evolução do homem, das questões que nos cercam. Se ela não se preocupa em acompanhar o homem, está apenas servindo ao comércio. (MILANEZ, 2009, p.01)

Segundo o artista, suas obras são um alarme, um grito para salvar o planeta. Para a sobrevivência da humanidade.

É preciso corrigir muita coisa para viver em paz com ele. No mundo, fala-se muito sobre o planeta e sobre a Amazônia. Precisamos ter consciência do que está acontecendo nas florestas. As queimadas fazem mal à saúde do planeta. A Amazônia vai desaparecer se continuar assim. E o mais grave é que as queimadas não são só mata as árvores, há o povo que mora lá e os animais, toda uma biodiversidade. (CZAPSKI, 2009, p.01)

A foto dos seis índios mortos, que fez, nenhuma imprensa aceitou divulgar na época, até que ele foi intimado por um policial a entregar a foto e esquecer o assunto. Mas como esquecer, se ela estava em sua mente? Foi assim que começou a trabalhar com troncos calcificados retirado de áreas devastadas pelo fogo, colocado indiscriminadamente pelo homem para criar áreas de pastagem e grandes lavouras. (MILANEZ, 2009)

Assim se tornou um grande artista em prol da natureza, pois sua arte se espalhou pelo mundo, pelas suas fotos e obras de arte. Os índios mortos, expulsos de suas terras, ninguém quer saber, mas falar das árvores que foram queimadas tem apoio e abriu o mercado para suas obras, segundo o artista isto é muito triste, mas foi um reflexo da arte, de forma indireta está conseguindo falar dos problemas ambientais e sociais que presenciou e sentiu com mais emoção devido a todos os fatos já vividos em nove décadas.

Em um galpão abarrotado de matéria-prima: cipós, raízes, cascas, galhos e troncos de árvores empilhados, todos “estão machucados”. Foram recolhidos de queimadas e desmatamentos de florestas pelo Brasil afora. Ele seleciona os restos de madeira que serão lixados e preparados para formar enormes árvores ressuscitadas. Suas esculturas, não mostram regras, nem linhas retas. Ele prefere formas irregulares, orgânicas. O resultado são peças com movimento, como se clamassem por atenção. (BINDO, 2011)

Conforme coloca "Minha vida é mostrar minha indignação contra a violência e o barbarismo que o homem pratica". As esculturas levam as cores dos vestígios das queimadas: vermelho e preto, fogo e morte. Não recebem nomes. Ele as chama de "meus gritos". (BINDO, 2011)



13. Foto: Frans Krajcberg

http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_416780.shtml

Frans krajcberg já sofreu várias perseguições ao longo de sua vida no Brasil, por usar suas obras para chamar atenção sobre os problemas ambientais (queimadas e corte de madeira) e chegou a ser expulso da região de Minas Gerais, no qual retirava pigmentos para suas obras, já foi ameaçado por ser judeu e por suas expedições pela Amazônia, neste caso por denuncia o sofrimento dos índios.

Hoje ele está na fase de reconhecimento de seu trabalho. No ano 2000, doou parte de suas obras (pinturas, esculturas, fotografias) à cidade de Paris que, depois inaugurou o Espaço Krajcberg. No mesmo ano, o Brasil também homenageia o artista, criando na cidade de Curitiba o Instituto Frans Krajcberg, que recebeu a doação de cerca de 100 obras do artista.

Na Bahia, a Secretaria de Cultura do Estado, por meio da Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (SECULT/DIMUS/IPAC), realizou de 08 de abril a 17 de julho de 2011, uma mostra em comemorações aos 90 anos do artista Frans Krajcberg. Neste evento o artista fez a doação oficial de suas obras ao Governo da Bahia. (CARDOSO, 2011)

A exposição “Grito! Ano Mundial da Árvore” foi organizada na Sala Contemporânea do Palacete das Artes Rodin Bahia. Foram 37 peças que estiveram espalhadas por toda a sala, esculturas de grandes dimensões, muitas feitas de cipó e troncos de madeira queimada, retiradas diretamente de florestas onde houve depredação, além de relevos e fotos.

A escultura “Flor do Mangue”, conforme imagem 14, uma de suas mais polêmicas obras foi produzida em 1965, esteve presente na mostra. Com galhos e árvores de manguezais destruídas pela especulação imobiliária. A obra é uma escultura de grande porte, mede 12 X 8 metros e 5 metros de altura. Uma obra imponente e que causa curiosidade no público, o formato com que foi confeccionada, parece uma aranha gigante, um emaranhado de madeira buscando proteger aquele pequeno espaço a qual está instalada, uma proteção contra o homem. A cor predominante é o preto, simbolizando a cor do carvão, que é produzido pelas queimadas. Como podemos ver na figura abaixo.



14 . Foto: "**Flor do Mangue**" - Frans Krajcberg, 1965

<http://franzkrajcberg2c.blogspot.com/>

O diretor do Palacete das Artes Rodin Bahia, Murilo Ribeiro coloca:

As obras de Krajcberg revelam o verdadeiro tamanho do Homem, a sua insignificância diante da grandiosidade, da exuberância e transbordamento de Beleza do nosso planeta, denunciando a irresponsabilidade e o imediatismo quando se trata de cuidar da Terra. (CARDOSO, 2011, p. 01)

Segundo o diretor de Museus do IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, Daniel Rangel, comenta sobre a importância da exposição:

[...] além de marcar um momento novo para as artes visuais da cidade, a exposição oferece a Salvador o privilégio de cuidar de um dos acervos mais expressivos da arte contemporânea mundial. ***“Grito! Ano Mundial da Árvore*** marca a assinatura do termo de doação de todos os bens de Krajcberg para os baianos. Agora, nossa principal missão é garantir a salvaguarda integral deste precioso legado, permitindo a perpetuação de sua rica obra, composta por esculturas, desenhos, relevos, fotografias, vídeos, livros, entre outras raridades.(CARDOSO, 2011, p.01)

Os artistas Vik Muniz e Frans Krajcberg, de forma indireta, com a arte ousaram divulgar a necessidade de olharmos nossa sociedade de forma mais crítica e prestarmos atenção de como devemos conduzir nosso planeta, para a destruição ou para a unificação.

Não temos mais espaço para tanto lixo, assim como não temos como suportar a falta de verde, de natureza, de ar puro. Todos nós, temos direito a um espaço digno, tanto o índio na Amazônia como o catador de produtos reciclados, bem como os alunos de nossa comunidade.

O universo de temas que podem ser abordados em sala de aula, nas aulas de arte, e que tenham como foco o meio ambiente é vasto, acredito que temos que ousar e surpreender, levar para os alunos temas críticos e estimulá-los a buscarem formas de fomentar e discutir a preservação de nosso planeta.

3.4. VIVENCIANDO A ARTE CONTEMPORÂNEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Somente contando com as informações teóricas até o momento que tive que fazer uma tarefa da disciplina de Laboratório de Poéticas Contemporâneas, do curso de Artes Visuais, no caso uma intervenção urbana.

A ideia era montar um pescador com manequim e colocá-lo para pescar a beira de um córrego. Este trabalho recebeu o título de **Pescador Urbano**, conforme imagem 15. Com uma vara de pescar e amarrado ao fio de nylon um peixe desenhado em uma garrafa pet, foi um acontecimento, tanto os pedestres como os motoristas paravam para perguntar o que era. Se, era uma manifestação política ou um protesto contra a poluição do rio, muitos pedestres desviavam da ponte, com medo do que não compreendiam.



15. Foto: Intervenção Urbana – **Pescador Urbano**. Tânia Vieira, 2009

Minha segunda experiência em produzir arte contemporânea veio com a necessidade de montar uma instalação, fiz inúmeras pesquisas e com base em um material que tinha acesso (manequins e tecidos), emprestei a sede do Clube ACE, e montei a instalação com o tema **Eternidade**, conforme imagem 16. Minha ideia era de fazer um círculo com os manequins, que representam pessoas, o tecido branco foi usado para dar leveza e mostra a pureza do ser humano, que unidos pelos tecidos, simbolizava um cordão umbilical. No decorrer da montagem optei por colocar dois manequins no centro para dar a sensação de acolhimento, compreensão e fortaleza.



16. Foto: Instalação **Eternidade**. Tânia Vieira, 2009

Na disciplina de Atelier de Produção Interdisciplinar produzimos happening, performance e uma instalação denominada **Mãos que Criam**, conforme imagem 17, e que de certa forma está ligada a este trabalho, pois me despertou para o gosto de trabalhar com a natureza de forma prática e teórica.



17. Foto: Instalação **Mãos que criam**. Tânia Vieira, 2010

Nesse trabalho utilizei folhas, galhos secos e cipós, um emaranhado de material que unidos formaram um globo. O ambiente reservado recoberto com tecido tipo voal, na cor branca, proporcionou a obra uma noção de serenidade, um ambiente de contemplação da importância da natureza e da vida pela simplicidade.

4. SUSTENTABILIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Nosso planeta atingiu 7 bilhões de habitantes, no dia 31 de outubro de 2011. (ARAUJO, 2011). Começando o século XXI com um grande problema: superpopulação. A humanidade precisou de dezenas de milhares de anos para alcançar o primeiro bilhão de habitantes, ocorrido em 1802, mais 125 anos para dobrar a população, 1927. Já o terceiro bilhão com apenas 34 anos, 1961. (VALENTE, 2007)

O aumento demográfico afeta a qualidade de vida da população, quanto mais pessoas, maiores os desafios sanitários, educacionais e econômicos. Segundo a ONU, são justamente as regiões que mais crescem em número que tem menores índices de desenvolvimento humano – IDH, e estes países estão na África e Ásia. (VALENTE, 2007)

Esta superpopulação está diretamente ligada aos problemas encontrados nas cidades, especialmente nas grandes metrópoles. O lixo é o resultado do reflexo da atual sociedade consumista. Isso tende a aumentar, uma vez que a população aumenta, gera elevação no consumo e impacto negativo no meio ambiente.

Até 40 anos atrás a quantidade de lixo gerada era infinitamente menor à atual, o lixo produzido nas residências era composto basicamente de matéria orgânica, dessa forma era fácil eliminá-los.

Hoje com o aumento da população e da globalização se encontra em um estágio avançado, além disso, as inovações tecnológicas no seguimento dos meios de comunicação (rádio, televisão, internet, celular e etc.) facilitaram a dispersão e o consumismo de mercadorias em escala mundial. “Atualmente quando compramos algo no supermercado, o lixo não é apenas gerado pelo produto em si, existe a etapa de produção e do consumo final: a sacola e o cupom fiscal.” (PRADO, 2011, p.01)

Os lixões e aterros sanitários retratam além dos graves problemas ambientais, também os sociais. Uma parte da sociedade excluída busca nesses locais materiais recicláveis para vender (papéis, plásticos, latas entre outros), e alimentos para o seu consumo. Muitas vezes acabam consumindo produtos estragados e contaminados.

A reciclagem é um caminho que tem merecido destaque em nossa sociedade, com retorno rápido e prático, mas que ainda sofre com falta de investimentos diretos de nossos governantes e até mesmo descaso da população.

Conforme mostra o documentário “**Lixo Extraordinário**”, o lixo que deveria ir para um aterro sanitário de uma casa seria apenas o que não pudesse ser reaproveitado. Mas tudo acaba sendo misturado e colocado na coleta pública, de forma desorganizada e perigosa.

Uma proposta simples como a compostagem, que é feita com o lixo orgânico, deveria ser usado de forma ampla e divulgado com mais interesse e critério, principalmente nas escolas. Conforme coloca Alexandre Freitas, da Fundação Gaia Brasil:

A compostagem é uma técnica milenar, praticada pelos chineses há mais de cinco mil anos. Nada muito diferente do que natureza faz a bilhões de anos desde que surgiram os primeiros microorganismos decompositores. Seguindo o exemplo da floresta, onde observamos que cada resíduo, seja ele de origem animal ou vegetal, é reaproveitado pelo ecossistema como fonte de nutrientes para as plantas que, em última análise, são o sustentáculo da vida terrestre. Pois bem, quando procedemos com a compostagem estamos seguindo as regras da natureza e destinando corretamente nossos resíduos. (FREITAS, 2011, p.01)

Com certeza não tem como não produzirmos lixo, mas temos o dever de diminuir essa produção. Como exemplo, escolha de produtos com maior durabilidade e que ofereçam menor potencial na geração de possíveis resíduos.

Temas como: lixo, consumo, resíduos e reciclagem, são propostas recorrentes e que estão em evidência, sendo facilmente assimilados pelos alunos em sala de aula, o que facilita proposta de trabalhos que unam arte e a comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste TCC – Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais, acredito que coloquei um pouco de tudo que vivi e senti, nos últimos quatro anos. Foi todo um processo de amadurecimento e crescimento como pessoa e artista. Ainda não sou uma professora, digo ainda, mas acredito que será meu próximo percurso.

Neste trabalho “Arte e seus caminhos: um panorama dos problemas relacionados ao meio ambiente nas artes visuais” coloquei todo meu sentimento, pois estudar e vivenciar, mesmo que em texto, os depoimentos de Frans Krajcberg e as histórias dos catadores de produtos reciclados, retratados por Vik Muniz, foi muito gratificante.

Hoje quando me deparo com um catador de reciclagem, tenho vontade de ajudar a empurrar o carrinho, passei a ver como eles são pessoas que precisam de um olhar mais digno, não de esmola, mas de espaço em nossa sociedade, que com certeza não os enxergam, apenas sente sua falta se não pegam a reciclagem e os produtos se espalham pela calçada.

E os lixeiros, como são sofríveis o trabalho deles, correndo atrás do caminhão jogando os sacos de lixo impregnado de reciclagem, total descaso de nossa comunidade com o meio ambiente e as gerações futuras.

Acredito que este trabalho trouxe uma vontade e um questionamento em minha vida para não deixar de lado essa questão e a cada dia mais trabalhar em busca de um ambiente mais saudável e numa sociedade que respeite o espaço de cada ser.

Acredito que a Arte tem muitos caminhos e recurso. E cabe a nós, estudantes e futuros educadores, levar para sala de aula o tema “meio ambiente” para abrir a mente de nossos alunos e fazer com que eles passem a ver a escola como instrumento de discussão, reflexão e mudança.

Acredito que este trabalho não acabou, tenho um material arquivado em minha mente muito grande e que está borbulhando, desejoso de produzir Arte, arte que desperte nossa sociedade para a preservação do meio ambiente e um mundo melhor.

9. REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Cecília. **“O papel do Brasil em um mundo com 7 bilhões de habitantes”**. Site Revista Veja, on line. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/qual-o-papel-do-brasil-em-um-mundo-de-7-bilhoes-de-pessoas>, acessado em 31/10/2011, às 16h.
- ARCHER, Michael, **“Arte Contemporânea. Uma História Concisa”**. Editora Martins Fontes, 2001
- BARBOSA, Ana Mae. **“Tópicos e Utópicos”**. Editora C/Arte, 2007
- BINDO, Marcia. **“Frans Krajcberg – O olhar do escultor polonês que reinventou no Brasil ao descobrir que a arte pode lutar pela vida”**. Revista Vida Simples – on line. 2011. Disponível em: http://vidasimples.abril.com.br/edicoes/049/personagem/conteudo_236878.shtml, acessado em 20/10/2011, às 21h.
- CARDOSO, Teresinha. **“Krajcberg comemorou 90 anos com exposição em salvador”**; Site Palacete das Artes Rodin Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.palacetedasartes.ba.gov.br/noticias/clipagem>, acessado em 20/10/2011, às 20h.
- CZAPSKI, Silvia. **“Entrevista com Frans Krajcberg em abril de 2009”**. Site revista18.uol.com.br, on line. Disponível em: <http://krajcberg.blogspot.com/2009/07/entrevista-com-frans-krajcberg.html#!/2009/07/entrevista-com-frans-krajcberg.html>, acessado em 30/10/2011, às 15h30.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Editora Cortez e Moraes, 1979
- FREITAS, Alexandre de. **“Compostagem – Como compostar o lixo orgânico, mesmo em pequenos apartamentos.”**. Site www.lixo.com.br, on line, 2011. Disponível em:

http://www.lixo.com.br/index.php?Itemid=254&id=147&option=com_content&task=view, acessado em 01/09/2011, às 16h.

KONDER, Rodolfo. **Brasil+500: Mostra do Redescobrimento/fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 Anos**, 2000.

LAGO, Pedro Corrêa do, **Vik Muniz, Obra Completa | 1987 – 2009**, Editora Capivara, 2009

LIXO extraordinário. Diretor Lucy Walker; Codireção João Jardim e Karen Harley; Produção Angus Aynsley e Hank Levin; Coprodução Peter Martin. Distribuidora Downtown Filmes. Gênero documentário , 2010 – 1h30min.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do Ensino de Arte – A língua do Mundo – Poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MILANEZ, Felipe; RIBEIRO, Ronaldo. “**Frans Krajcerb - Natureza inquieta.**”; Revista Planeta Sustentável, on line, 2009. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_416780.shtml?func=1&pag=1&fnt=9pt, acessado em 02/09/2011, às 12h.

PRADO, Carlos Alberto de Albuquerque. **Artigo científico: Consciência Ambiental.** 2011. Disponível em: <http://konvenios.com.br/conteudo.php?codItem=20855>. Acessado em: 22/10/2011, às 18h.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** Editora Ática S.A., 1990

KAZ, Roberto. “**Catador alcança fama após conhecer Vik Muniz em trabalho que virou filme**”; Site Folha.com, on line, 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/860921-catador-alcanca-fama-apos-conhecer-vik-muniz-em-trabalho-que-virou-filme.shtml>, acessado em 13/09/2011, às 14h.

VALENTE, Leonardo; Costa, Mariana Timóteo; Jansen, Roberta. **Salve o Planeta – Superpopulação**. Esdeva Indústria Gráfica, 2007

Vik Muniz / Ernesto Neto, **XLIX Bienal Di Venezia**, Editora BrasilConnects, 2001
Moderno MAM, out/Nov/dez/2010